

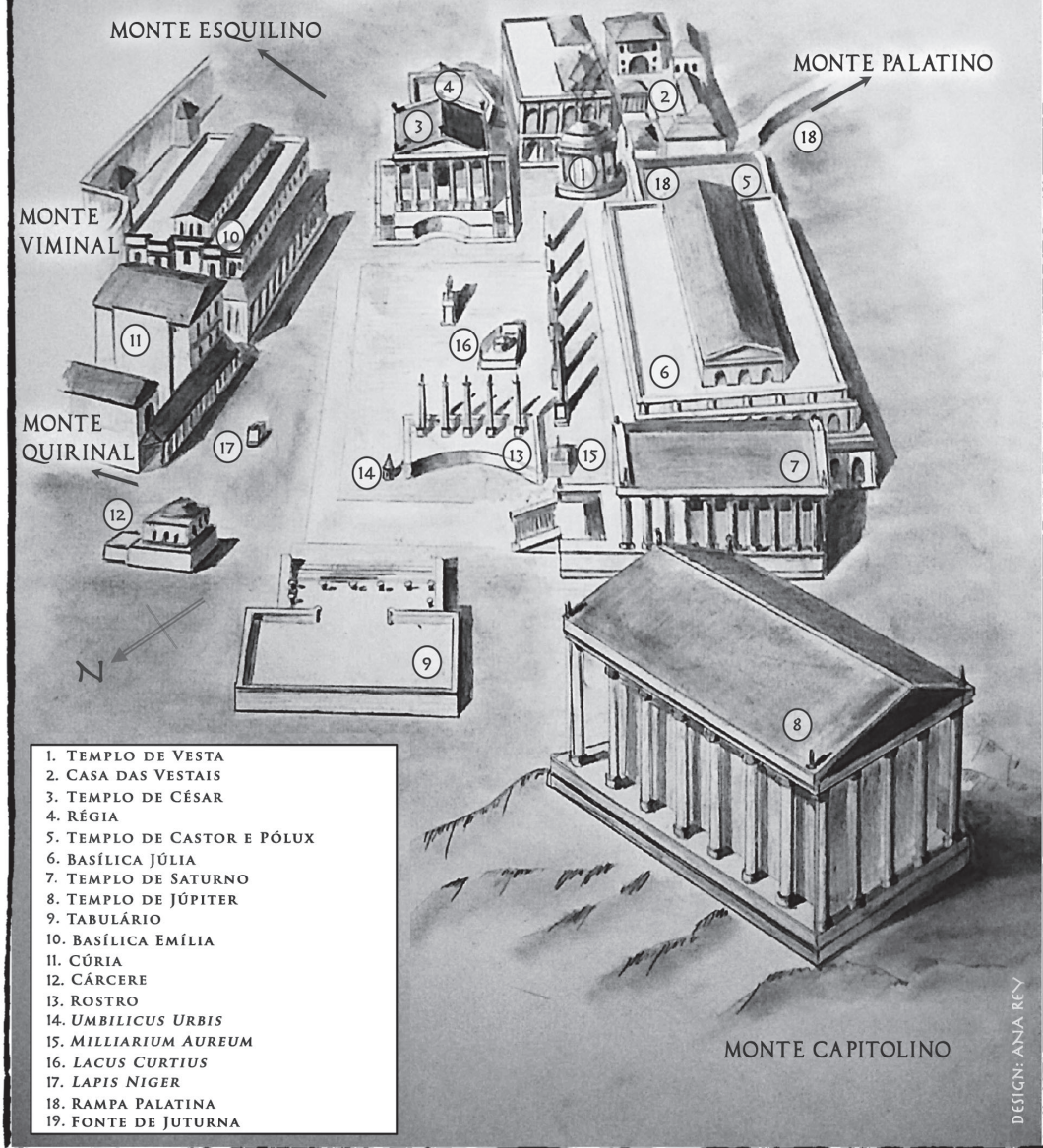
herdeiros de roma  
as virgens vestais — livro dois  
debra may macleod

Tradução de Renato Carreira



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## FORUM ROMANUM AREA SACRA DE VESTA



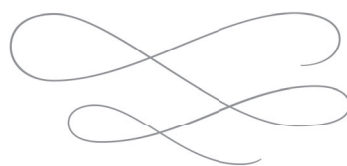


## NOTA DA AUTORA

No início deste livro encontrarão uma ilustração simplificada do Fórum Romano e das estruturas referidas na história.

No fim, incluí uma lista de personagens. Também encontrarão aí outros recursos de leitura fácil, incluindo os nomes dos deuses e figuras míticas referidos no livro, um glossário de termos latinos e outros importantes e várias ilustrações com ligação à história e que acredito que serão fascinantes.

Obrigada por lerem.



## PRÓLOGO

*Extremis Malis Extrema Remedia*

Tempos desesperados exigem medidas desesperadas  
UM ADÁGIO ROMANO



### PICENO, 72 A.C.

O general Marco Licínio Crasso fechou a couraça de couro martelado sobre o tronco e, a seguir, cobriu os ombros com a capa de púrpura intenso, fixando-a num ombro com uma grande fíbula de ouro. O interior da sua grande tenda de oficial estava frio apesar de esta ser feita de peles de cabra isoladoras e de uma fogueira decente ter ardido durante a noite inteira. Expirou, cansado, ao pensar no que estava prestes a acontecer, e viu a sua respiração formar uma nuvem gelada no ar.

Os legionários romanos que se erguiam do lado de fora da sua tenda ouviram-no aproximar-se e abriram as abas da tenda para lhe permitirem sair. Saiu para uma manhã ainda mais fria. Múltiplas fogueiras crepitantes ardião no desolador acampamento e conseguia ouvir o bater de panelas enquanto um extenso exército de cozinheiros se ocupava das limpezas depois da tarefa monumental de servirem a três legiões, quase quinze mil homens, o seu pequeno-almoço de papa. Crasso não comera. Não tinha apetite.

O nevoeiro denso que se instalara sobre o acampamento e os montes próximos dos Apeninos nas primeiras horas do dia não se tinha levantado e parecia ainda mais pesado com o raiar do dia. Porém, para Crasso, não era denso que chegasse. Nunca poderia ser suficientemente denso para obscurecer a visão perturbadora que todos os soldados sabiam que lá continuava, no alto de um dos montes à sua frente.

Encheu o peito com o ar frio e ergueu o olhar para eles: os corpos de seis soldados romanos pendurados em cruces, com as cabeças agora caídas para a frente no que Crasso esperou que fosse a misericórdia da morte e não apenas exaustão. Pestanejou. No nevoeiro, pareciam fantasmas suspensos nas névoas da morte no Hades.

Mas não eram fantasmas. Eram homens seus, dos mais corajosos, capturados em batalha por aqueles imundos seguidores do líder escravo rebelde Espártaco e crucificados à vista do grande exército romano. Ou, pelo menos, do que restava dele.

Antes da ascensão do exército de escravos de Espártaco, há séculos que os militares romanos não tinham de lidar com deserções. Claro que o tolo ocasional continuava a tentar fugir de vez em quando, mas não era um problema sério. Os soldados romanos eram os mais corajosos, talentosos e bem pagos do mundo. Eram também os mais bem-sucedidos. Muitos inimigos rendiam-se sem luta. Tal era o medo que as táticas da máquina militar romana colocavam nos seus corações.

O problema para Crasso e para os outros generais era que Espártaco conhecia aquelas táticas. Servira no exército antes de uma acusação de insubordinação o ter reduzido à escravatura. Depois de subsistir durante anos como gladiador, fugiu e recrutou o seu próprio exército. Presentemente, usava táticas psicológicas militares romanas contra os soldados de Crasso. Sabia o que os assustava. Sabia o que os fazia fugir. Exatamente a visão fantasmagórica sobre eles.

Crasso ouviu passos atrás de si. Virou-se e acenou com a cabeça numa saudação soturna ao jovem general que Pompeu enviara para o ajudar a esmagar Espártaco, um homem particularmente capaz chamado Júlio César. César ofereceu-lhe um pedaço de pão. Aceitou e deu uma única dentada antes de atirar o pão para o lado. Quatro ou cinco corvos lançaram-se sobre ele, berrando uns para os outros enquanto comiam.

— Os homens estão prontos, para si, general — disse César.

Crasso não se moveu.

As feições pronunciadas de César, que sempre lhe davam um ar de seriedade, pareciam ainda mais severas na manhã soturna. Pigarreou.

— Senhor, os meus *exploratores* estimam que mais de metade dos homens de Espártaco, talvez rondando os vinte mil, já não avançam para norte. Viraram-se e dirigem-se para sul...

— Para Roma — disse Crasso.

— Para Roma — ecoou César. — Depois da derrota de tantas das

nossas legiões, sentem-se encorajados. Não se contentam com a fuga. Querem conquista. — Atirou também o seu pão meio comido aos corvos. — Não podemos perder mais coortes para a deserção.

— Espártaco não pode alcançar Roma — disse Crasso, tanto para si mesmo como para César. — Tomará a cidade se lá chegar.

— Sim — disse César —, fá-lo-á. — O jovem general ergueu os ombros. — Os homens estão prontos para si.

Crasso deu meia-volta e passou pela sua tenda, pelos cozinheiros, pelos cavalos presos que relincharam e sacudiram as crinas, esperando impacientemente a sua cevada matinal.

A totalidade da Quarta Coorte Romana, quinhentos soldados com elmos e armadura completa, erguia-se em sentido, disposta em cinco filas governáveis e bem espaçadas de cem homens cada.

Estavam rodeados por mais homens ainda das legiões mais recentes de Crasso: legiões novas, soldados trazidos das províncias e puxados de outras campanhas. E mais ainda vinham a caminho.

*Já não era sem tempo*, pensou Crasso. De cada vez que o exército de escravos de Espártaco vencida uma batalha, de cada vez que se aproximavam mais um quilómetro de Roma, o Senado levava as advertências de Crasso um pouco mais a sério. Pelo menos, Crasso passara agora a ter o número de homens para constituir uma resistência real... isto é, desde que os seus homens não destroçassem e fugissem.

Infelizmente, foi exatamente o que muitos homens na Quarta Coorte tinham feito. Não todos... alguns defenderam as suas posições e enfrentaram a multidão desvairada de Espártaco, mesmo quando a derrota se tornou assegurada, mas isso não importava. Uma corrente era tão forte como o seu elo mais fraco. Um exército era tão forte como o seu soldado mais fraco.

Enquanto os centuriões caminhavam diante das filas de soldados em ambas as direções para manterem a ordem, com as suas capas vermelhas a esvoaçarem atrás deles e com as mãos nos punhos das adagas, Crasso montou o seu cavalo de batalha branco, pôs o elmo na cabeça e cavalgou diante dos seus homens. César fez o mesmo, movendo o seu cavalo ao lado de Crasso.

— A deserção é a praga do nosso exército — gritou Crasso. — É um contágio que as nossas legiões não sofrem com frequência, mas regressou como uma doença que ameaça a vida da própria Roma. Hoje, curaremos essa doença antes que possa espalhar-se a mais um soldado romano.

Crasso hesitou. Tinha reputação de ser severo... mas aquilo era ir longe demais?

Olhou para a distância, sobre o ombro. O nevoeiro dissipava-se. Os seis soldados crucificados no monte pareciam pairar no ar sobre eles.

Crasso imaginou os soldados de Espártaco a passarem os portões de Roma. Tentou não imaginar o que fariam às mulheres e às crianças que lá encontrassem. Tentou não imaginar o que fariam nas ruas, nos templos, no edifício do Senado. Devastariam a Cidade Eterna como tinham devastado cada aldeia pela qual passaram: roubando, espancando, violando e destruindo o que homens superiores tinham construído.

Inspirariam cada escravo em cada lar, por mais rico ou por mais modesto, a revoltar-se contra o seu mestre e a juntar-se ao seu exército amotinado. Deixaria de ser apenas uma perda militar. Seria a perda de uma civilização que Rômulo e os próprios deuses tinham fundado.

Crasso ergueu a cabeça.

— São filhos de Roma — gritou. — São os lobos que rasgam as gargantas dos nossos inimigos. — Moveu o cavalo para se erguer à frente da Quarta Coorte, com César ainda a seu lado. — Mas alguns de vós esqueceram quem são — disse. — Estou aqui para vos recordar. — Baixou o olhar para o centurião que se erguia diante da primeira fila de cem homens e deu a ordem. — Dizimação.

O centurião hesitou. Teria ouvido bem? Abriu a boca, fechou-a e perguntou:

— Devem tirar sortes, general? — Apesar da sua longa carreira, nunca tinha visto aquilo ser feito. Ninguém tinha. Era uma forma arcaica de disciplina que o exército romano tinha abandonado centenas de anos antes.

— Não temos tempo para teatro — disse Crasso. — Conta-os.

— Sim, senhor.

O centurião endireitou as costas. Era melhor que o fizesse sem pensar. Começou a caminhar diante da fila, contando cada homem enquanto o fazia.

— Um, dois, três, quatro... — Quando chegou ao décimo homem, disse: — Dá dois passos à frente. — O centurião continuou pela fila daquela forma até cada décimo homem ter sido separado.

— Dispam a armadura — gritou o centurião aos dez homens.

Os homens trocaram olhares de incredulidade. Aquilo estava realmente a acontecer? A dizimação era apenas uma história de fantasmas. Mesmo assim, enquanto a sua realidade se abatia sobre eles, fizeram o que os

soldados romanos deviam fazer. Seguiram ordens. Dos dez homens, Crasso reconheceu apenas o primeiro. Chamava-se Caio? Franziu o sobrolho. Duvidou de que aquele homem fosse um desertor. Crasso vira-o arrastar dois dos seus camaradas feridos para fora do campo de batalha e, depois, regressar, mesmo enquanto outros fugiam para a floresta envolvente.

Pensou por um momento em travar aquilo, em abrir uma exceção, mas sabia que não podia. *Não podia haver elo fraco*, recordou a si mesmo. A dizimação era uma forma eficiente, apesar de desesperada, de impedir os soldados de desertar, mas só funcionava porque todos na coorte culpada eram igualmente vulneráveis: corajosos ou cobardes, novos ou velhos, soldados ou oficiais. Sem exceções. Cada décimo homem, *decimus*, escolhido ao acaso.

Ignorando as dúvidas na sua mente e o aperto no estômago, Crasso forçou-se a manter o queixo erguido e os olhos no homem chamado Caio. Afinal, milhares de legionários tinham os olhos nele. Precisava de parecer seguro do que fazia. Era quem comandava.

Lentamente, Caio retirou o elmo. Segurou-o durante vários momentos e, a seguir, voltou-se para os seus camaradas.

Tinham todos os olhos no chão.

— Lúcio — disse a um deles.

Um dos soldados olhou-o.

— Caio, meu irmão — disse. — Lamento.

Caio atirou o elmo ao homem.

— Assegura-te de que o meu filho receberá a minha armadura — disse.

— Diz-lhe que morri no campo de batalha.

— Ficaré orgulhoso de ti — disse Lúcio. — Garanto que sim.

Como se não fizesse nada mais do que despir-se para o banho, Caio desprende a sua capa vermelha e deixou-a cair ao chão. Abriu as correias de couro da armadura de ferro, pousou-a a alguns passos de distância e regressou para se erguer no mesmo local. Vestido apenas com uma túnica simples de lã vermelha, deixou cair os braços de cada lado do corpo.

— Começar! — ordenou o centurião.

Ninguém se moveu.

— Começar — bradou o centurião outra vez — ou mataremos cada *quinto* homem!

Caio acenou com a cabeça ao seu amigo.

— Façam-no. Depressa.

As narinas do outro homem inflaram. Ergueu a clava e golpeou Caio



no crânio. O soldado cambaleou para trás e caiu ao chão enquanto outros homens se juntavam, alguns gritando orações aos deuses e outros gritando pedidos de desculpa envergonhados ao homem que espancavam.

Era uma desgraça morrer por dizimação. Era uma desgraça ainda maior sobreviver.

Os camaradas de Caio, os seus amigos, os homens com quem tinha marchado debaixo da Águia para terras estrangeiras e regressado, homens que conheciam os seus sonhos e os nomes dos seus filhos, ergueram as clavas e bateram-lhe com tanta força quanto conseguiam, esperando que cada golpe acabasse com o sofrimento do seu amigo e com a vergonha que todos partilhavam.

Dois minutos depois, o corpo destroçado de Caio jazia, sangrento e destruído, no chão. Lúcio forçou-se a olhar para ele, mas o que estava perante ele era irreconhecível como o seu amigo. O crânio de Caio abatera-se: lascas brancas de osso e pedaços vermelhos de cérebro saíam dele, como vinho pingando lentamente de uma taça rachada. O seu maxilar projetava-se num ângulo grotesco e agonizante e os seus braços e pernas torciam-se enquanto os nervos continuavam a ativar-se.

Foi assim, exatamente assim, outras quarenta e nove vezes naquele dia. Crasso assistiu a cada dizimação do alto do seu cavalo. Depois de o quinquagésimo soldado parar de respirar e de os soldados cansados terem regressado às fileiras, o general fez galopar o seu cavalo até se erguer perante a vastidão das suas legiões. Pôs a mão no punho da sua espada, que tinha um lado decorado por um medalhão dourado com a lendária loba romana e o outro com a flamejante deusa Vesta.

— O que fizeram aos vossos irmãos hoje, neste campo de batalha, não é nada comparado com o que Espártaco fará aos vossos filhos, às vossas esposas e às vossas mães se chegar aos portões de Roma. Vocês são romanos — gritou e ergueu a espada no ar. — Foram criados por uma loba para serem lobos! Agora, vão rasgar gargantas!

## CAPÍTULO I

*Graviora Quaedam Sunt Remedia Periculis*  
Alguns remédios são piores do que a doença.  
PUBLÍLIO SIRO



ROMA, 21 A.C.

*Cinquenta e um anos depois*

**D**uas Virgens Vestais erguiam-se diante de um pedestal de mármore branco no quarto parcamente iluminado do Imperador César Augusto, com as palmas erguidas para a deusa numa oração severa. Sobre o pedestal, repousava uma larga taça de bronze dentro da qual ardia o fogo sagrado de Vesta. Crepitava e estalava, consumindo as acendalhas consagradas que as Vestais tinham colocado nas suas chamas laranja.

A meros passos do fogo, Otaviano estava deitado na sua cama, ensochado em suor. A Sacerdotisa Túcia olhava-o do alto e franzia a testa para a sua expressão pálida e tensa e para os sons arrastados das suas inspirações superficiais. Não passara muito tempo desde que se passara à volta do Circo Máximo e pelas ruas de Roma na carruagem incrustada de joias do seu alegre cortejo triunfal, com uma coroa de louros dourada segura sobre a sua cabeça por um escravo que lhe sussurrava ao ouvido: «Recorda que és mortal.»

Nesse momento, quase não o pareceu. O grande cortejo e os despojos de guerra, as massas de espectadores que gritavam... tudo pareceu interminável. Túcia recordava a expressão nos olhos frios e cinzentos de César enquanto se erguia no Rostro e olhava do alto para o seu povo, mais deus do que homem, enquanto os sócias do general António e da Rainha Cleópatra eram mortos à sua frente.

Mas o escravo tinha razão. Era mortal, afinal.

Lívia emergiu das sombras para se colocar ao lado de Túcia. Tinha o cabelo preso num carrapito solto e a sua face, apesar de tão atraente e régia como sempre, parecia cansada. Suspirou e fitou o seu marido sofredor. Os seus dedos e a pele manchada palpitavam de uma forma perversa que lhe arrepiava a pele como se a tivesse coberta de escaravelhos. Pôs as mãos nas ancas e virou-se para o físico grego do seu marido, um homem irritantemente alto chamado António Musa.

— Enviámos o próprio Mercúrio para te trazer daquele esgoto que é Atenas e nem consegues parar um simples espasmo?

— O espasmo é um bom sinal, imperatriz — respondeu.

— *O espasmo é um bom sinal?* — Lívia arqueou as sobrancelhas. — Ouviste isto, Sacerdotisa Nona? O espasmo é um bom sinal. Bom, nesse caso, Musa, vamos pedir a um dos moços de estrebaria que se sente no peito dele. Respiração fraca também é um bom sinal, não?

— Senhora Lívia — disse Nona —, faz outra oferenda a Apolo.

Enquanto o físico formava com os lábios um «obrigado» silencioso dirigido à sacerdotisa mais velha, Lívia atravessou o espaço amplo do quarto e parou no altar sacrificial de Apolo que tinha sido erigido à pressa no quarto de César no dia anterior. Um sacerdote de Apolo erguia-se a seu lado, murmurando súplicas baixas ao deus da cura.

Lívia pegou numa pitada de farinha com sal e salpicou com ela a chama viva de uma vela de cera de abelha no centro do altar, na base de uma estátua dourada de Apolo. Cabritos gémeos, que pareciam ter sido arrancados antes de tempo do ventre da mãe, estavam de cada lado da estátua com olhos mortos e o sangue das suas gargantas cortadas tornara-se pegajoso e fedorento. A seu lado, havia uma pátera de azeite para libações.

Lívia pôs as mãos no bordo do altar e ajoelhou-se diante dele, erguendo a cara para os olhos de safira do deus. As vozes baixas do sacerdote de Apolo e das sacerdotisas de Vesta em oração misturaram-se no espaço atrás dela.

Em orações pela vida de César. Pela vida do seu marido.

Uma sombra trémula moveu-se sobre os frescos nas paredes do quarto iluminado pela chama e Lívia sentiu movimento atrás de si. No momento seguinte, o seu filho Tibério surgiu a seu lado. Pôs uma pequena estátua de terracota de Esculápio ao lado de um dos fetos de cabra, agarrou-se ao bordo do altar e ajoelhou-se a seu lado. Olhou pelo canto do olho para o sacerdote de Apolo como se dissesse «deixa-nos», e a figura coberta por uma túnica desapareceu.

— Mãe — sussurrou —, Otávia sucumbiu.

Lívia expirou pelo nariz. Não a surpreendia. O filho de Otávia, Marcelo, tinha morrido meses antes do contágio e ela nunca recuperara por completo. E o mesmo se aplicava a Otaviano. A morte do seu sobrinho tinha feito dele um homem mais fraco. Ouviu-o gemer atrás. «Se morrer, é como se morrêssemos também nós.» Apoiou a cara nas mãos.

— Deuses.

— *Aegroto dum anima este, spes est.* — Tibério atirou farinha com sal à chama. Onde há vida, há esperança.

— Que coisa estúpida para se dizer.

— Mãe, ainda pode viver.

— Tem de viver. Agripa foi nomeado segundo no seu testamento.

— Mesmo que viva, nunca me nomeará seu herdeiro.

— Tem de o fazer e fá-lo-á — disse Lívia. — Não há outra forma. Se Agripa se tornar imperador, seremos todos exilados. Odeia-nos aos dois. — Outra expiração pesada. — Agripa poderá ainda considerar Druso útil se algum dia decidir trazê-lo para casa da Germânia, mas nós seremos levados com a roupa que vestirmos para Pandatéria. Só tu e eu, Tibério, numa ilha minúscula sem sequer vinho para entorpecer o desgosto da nossa companhia recíproca.

— Mãe, para. — Tibério limpou a testa com as costas da mão. — Dizes-lhe da sua irmã?

— Não. Assegura também que os escravos sabem que devem manter as bocarras fechadas, por uma vez. Não sobreviveria ao choque de saber.

Um som de lençóis fê-los virarem-se aos dois. Otaviano tinha uma mão no ar e o seu dedo estava esticado como se estivesse prestes a comandar uma legião.

— Esposa — gemeu.

Lívia aproximou-se da sua cama e sentou-se na ponta.

— Marido, sossega. — Pegou-lhe na mão e pousou-lha ao lado do corpo, resistindo ao impulso de limpar das mãos o suor frio dele. Pareceria mal diante das Vestais.

Otaviano gesticulou debilmente a Túcia e esta aproximou-se do seu leito.

— Sim, César?

— A Sacerdotisa Pompónia já partiu de Tivoli?

— Sim. Chegará hoje a Roma.

— Não lhe permitam que me visite. A *Vestalis Maxima* não pode adoecer.

— Não houve qualquer indício da doença em Tivoli, César. O físico de Pompônia diz que assim é porque a região é menos povoada e o abastecimento de água permanece incorrupto. É forte e assim continuará. — Otaviano abriu a boca para dizer alguma coisa, mas o muco ficou-lhe preso na garganta. — Descansa — disse Túcía. Tocou-lhe gentilmente no peito. — A deusa olha por ti.

Depois de a sacerdotisa se ter afastado da cama, Lívia levou a mão a uma taça de água fresca numa mesa próxima e torceu o pano no interior. Limpou o fluido espesso que escorria pelo canto da boca de Otaviano.

Este pestanejou enquanto a olhava. O imperador de Roma, demasiado fraco para limpar o próprio queixo.

— Espero viver, esposa — disse.

— A esperança é um medicamento poderoso, Otaviano — respondeu ela. — Por vezes, é tudo o que os deuses nos deixam.

Otaviano conseguiu esboçar um sorriso débil.

— Conta-me a história de Pandora. Consola-me.

Lívia retribuiu o sorriso. Por fora. Por dentro, sentiu uma irritação crescente. Era a imperatriz de Roma, não uma ama. Otaviano costumava pedir à sua filha, Júlia, que lhe contasse uma história, mas ela estava proibida de o visitar depois de a sua doença se ter agravado. Era estranho que não tivesse demonstrado a mesma cautela com a sua mulher.

— Pandora foi a primeira mulher — começou Lívia de forma tão maternal quanto conseguiu. — Foi criada do barro por Zeus, o deus grego, tanto como dádiva e como castigo para o homem, para ser sua companheira e para o tornar simultaneamente um ser melhor e pior. Quando Zeus pôs Pandora no mundo, deu-lhe um frasco fechado e esta ordem: «Não tires a tampa.»

— Mas ela tirou-a... — sussurrou Otaviano.

— Claro que sim. Que tipo de mulher entediante seria se não o fizesse? Pandora encontrou um lindo regato em cuja margem se sentou e, quando ninguém olhava, nem mesmo Zeus, tirou lentamente a tampa do frasco. Para seu horror, de dentro voaram todos os sofrimentos que os deuses tinham criado para nós: morte, dor, crueldade, mágoa, preocupação, medo e doença. Pandora não conhecia nenhuma daquelas coisas pelo nome, pois não existiam antes no jardim da vida. Mas enquanto cada uma voava para fora, sentiu-a pela primeira vez, como uma lâmina no seu coração. Tentou

desesperadamente apanhar aqueles males e pô-los outra vez no frasco, mas não conseguiu. Cheia de desespero, voltou a pôr a tampa tão depressa quanto conseguiu, mas foi em vão. O mundo passava a estar afligido.

Otaviano fechou os olhos. Uma lágrima escorreu-lhe pela bochecha.

— Mas Pandora era tão astuta e rápida como era curiosa e conseguiu aprisionar uma coisa no frasco. Uma coisa com que os humanos poderiam sempre contar...

— A esperança — disse Otaviano.

— Sim, marido — respondeu Livia. — E é por isso que, onde houver vida, haverá esperança.

\* \* \*

ENQUANTO SAÍA DA CASA PARA O AR FRESCO DO PERISTILO QUE CERCAVA o pátio aberto do lar de César, Livia expirou tanto ar dos pulmões quanto conseguiu e, a seguir, inspirou profundamente, repetindo o processo, para fora e para dentro, até se sentir zozna. Foi inútil. Não conseguia tirar do nariz o fedor da doença de Otaviano.

Adoecera subitamente três dias antes. Estava sentado à sua secretária, a assinar um documento quando, de repente, se curvou com dores e correu para a latrina. Tais dramatismos não eram nada de novo para Livia. O seu marido tinha vindo a desenvolver uma constituição cada vez mais fraca. Mas, daquela vez, foi muito pior do que o habitual e depressa se tornou aparente que a doença devastadora que se alastrava por Roma também se alastrava pelas tripas reais.

Horas depois, Otávia também estava de cama, derrubada pela febre e pela disenteria. Apesar de estar em melhor condição física do que o seu irmão, a sua saúde deteriorou-se com a mesma rapidez e tinha ficado num estado de inconsciência antes, naquele dia.

Apesar de Livia ter sentido muitas vezes rancor do elo de proximidade que Otávia partilhava com o seu irmão, não conseguia evitar sentir o que suspeitava ser um indício de verdadeira tristeza. O contágio era impiedoso e Otávia, que sempre fora amável com Livia e até com Tibério, sofrera horivelmente. Otaviano ficaria devastado com a perda. Se vivesse o suficiente para saber dela.

O seu físico, Musa, não dava as habituais garantias altivas, e a preocupação deixava-o silencioso. Livia perguntou-se se a sua preocupação seria apenas com o seu próprio destino (na melhor das hipóteses, seria

banido para algum miserável posto avançado nortenho se César morresse) ou se estaria realmente preocupado com o bem-estar do imperador.

Mas também pensava a mesma coisa acerca de si. Não sabia verdadeiramente se o medo que sentia seria apenas pela sua própria vida ou pela vida do seu marido.

Lívia passou por uma grande fonte no centro da qual se erguia uma estátua alta em mármore de Tritão a soprar uma concha, com os braços erguidos para sustentar a concha pesada, e a metade inferior do corpo transformando-se numa cauda de peixe musculada. Como se obedecesse à ordem soprada pelo deus, a água de um dos lados da fonte agitava-se e fluía como ondas do mar. Lívia demorou-se a olhar longamente para o tronco forte e braços musculados de Tritão, sentindo-se animar. *Devo voltar a usar este escultor*, pensou.

Avançando mais para o pátio, olhou para os escravos domésticos que aí se tinham reunido e que agora se erguiam em silêncio em fila única diante de uma colunata carmesim. Baixavam as cabeças com deferência e pavor.

Era uma coisa que o seu senhor os convocasse assim, mas era muito diferente quando era a sua senhora a fazê-lo.

A chefe dos escravos domésticos, Déspina, saudou Lívia.

— *Domina*, tudo está como pediste.

— Se tudo estivesse como pedi, César não suplicaria a Apolo por fôlego na sua câmara, Déspina. — Lívia caminhou diante dos escravos e criados, aparentemente indiferente, deixando os seus olhos inspecionarem cada um até se encostar a uma das cisternas de água da chuva do jardim. A frescura era-lhe agradável no braço nu. Mesmo para julho, o calor era cansativo.

— No mês passado — começou —, nas calendas, ergui-me precisamente neste sítio e falei com todos vós. Lembra-se do que disse? — perguntou num tom que desencorajava resposta. — Disse que uma epidemia devastava Roma. Disse que qualquer pessoa, homem, mulher ou criança, que trouxesse o contágio para esta casa e expusesse César ao mal teria um destino pior do que o seu.

Como se esperassem a deixa, dois soldados mostraram-se atrás da colunata. Um segurava com esforço uma vara longa com a outra ponta presa ao pescoço de um cão atarracado mas forte, que mordida e rosnava e se contorcia num esforço para se libertar. O outro soldado segurava um saco grande e pesado, no fundo do qual uma criatura invisível se contorcia e vivava sobre si mesma. Uma cobra. Grande. Os dois soldados acenaram com a cabeça a Lívia e colocaram-se a seu lado na erva.

Enquanto a realidade do que estava prestes a acontecer atingia os escravos, alguns gemidos patéticos emergiram da fileira e vários puseram as mãos sobre a cara como se quisessem escudar-se do inevitável. *Poena cullei*. O castigo do saco.

— Como sabem, o saco é o castigo do parricídio. Mas César é o *Pater Patriae*. É o pai da nação e o pai de todos. É o nosso pai. — Lívia afastou-se da cisterna e avançou casualmente até ficar em frente de uma das escravas, uma jovem bonita com cabelo preto longo pela cintura e olhos ainda mais pretos.

— És a pequena *cunnius* que infetou César, não és?

— *Domina...* — A voz da rapariga vacilou e ela fitou os próprios pés, com o corpo tremendo visivelmente. Fora avisada de que aquilo aconteceria. Déspina e as outras tinham-lhe dito que evitasse estar na presença de César, que ser a sua escrava de cama preferida era uma posição que trazia mais risco do que recompensa, mas ela não deu ouvidos. Agora, era tarde demais.

— Bom, avancem — disse Lívia aos soldados. — Derreto com este calor.

— Sim, imperatriz — disse o soldado que segurava o cão raivoso. Arrastou o animal a rosnar até ao outro soldado, que tinha pousado o saco no chão. Tentava abrir o saco e, ao mesmo tempo, impedir que a cobra de tamanho considerável no interior deslizesse para fora. Era trabalho árduo, mas, após alguns minutos, os soldados conseguiram empurrar também o cão para dentro.

O saco irrompeu imediatamente num espetáculo horroroso que se contorcia e guinchava enquanto o cão raivoso e a víbora se mordiam e dilaceravam ferozmente um ao outro no interior.

Enquanto um soldado se esforçava por manter o saco erguido, o outro segurou os pulsos da jovem escrava e puxou-a para diante. Esta caiu ao chão e gritou, pontapeando-o em desespero. O soldado respondeu com um golpe rápido na cabeça dela. Não a deixou inconsciente (sabia que a sua senhora não queria isso), mas foi o suficiente para a atordoar até à submissão. Ergueu-a nos braços. Enquanto o fazia, a túnica de cintura alta da rapariga ergueu-se e expôs a sua barriga inchada.

Se alguém presente acreditava que a rapariga era punida por infetar César com a doença, passou a saber a verdade. A mulher de César executava a sua escrava de cama grávida e enviava, ao mesmo tempo, uma mensagem clara às restantes escravas. *Ou terminam a vossa gravidez ou faço-o por vós.*



Com um esforço que teria sido cómico em qualquer outra circunstância, um soldado fincou as pernas para manter o saco aberto enquanto o outro enfiava no interior primeiro a cabeça da rapariga e depois as pernas.

O horror tornou-se mais sonoro e mais grotesco. O que acontecesse no saco era, de alguma forma, piorado pela necessidade de o imaginar. A mistura violenta de corpos no interior (a rapariga que se debatia, o cão que mordía, a cobra que se enrolava) e o som de dentes que se cravavam em carne macia. Os gritos dilacerantes e os rosnados agoniantes.

Quando manchas de sangue começaram a ensopar o pano grosso, os soldados fecharam a boca do saco com uma corda grossa e, arrastando-o e carregando pelos poucos degraus até à grande cisterna, deram o seu melhor para evitar que as suas pernas e braços fossem também mordidos enquanto o faziam. Ergueram o saco e largaram-no sem cerimónias no largo reservatório de água com um ruído sonoro.

Os guinchos e os sons de mordeduras foram abafados. Os lados da cisterna estremeçeram e, por um momento, pareceu que poderia tombar, mas os dois soldados aplicaram os ombros contra ela para a manterem vertical, parecendo não se importar com a água fria que os salpicava.

Continuou durante mais tempo do que Livia teria esperado. Sentia o sol a queimar-lhe o cocuruto.

— Voltem ao trabalho — disse aos escravos alinhados e, a seguir, virou-se para partir sem olhar para trás. Atravessou o pátio e sentou-se numa cadeira almofadada ao lado da fonte de Tritão. — Déspina, traz-me um pouco de água de limão e carnes frias.

— Sim, *Domina*.

Livia sentiu a sombra cobrir-lhe a face enquanto um escravo lhe segurava um toldo por cima. *Porquê voltar a correr para o leito de Otaviano? Não vai a lado nenhum.* Enquanto olhava para cima para admirar o peito de Tritão, uma imagem dos membros longos e finos do seu marido e da sua pele manchada e solta passaram-lhe pela vista. Suspirou enquanto olhava para o deus de mármore. *Vita non aequa est.*

A vida não é justa.

## CAPÍTULO II

*Praealent Illicita*

As coisas proibidas têm um encanto secreto.

TÁCITO



**A** água limpa de Tivoli era descarregada de carroças puxadas por cavalos e transportada por escravos através do *posticum* para dentro da Casa das Vestais quando a liteira de Pompônia e Quintina chegou ao pórtico principal da moradia luxuosa no coração do Fórum Romano. As sacerdotisas saíram da sua *lectica* e dirigiram-se diretamente para as portas de madeira ornada. O momento não se adequava a cerimônias de regresso a casa. Por aqueles dias, Roma tinha pouco estômago para cerimônias de qualquer tipo.

Tudo começara meses antes durante as chuvas. Primeiro, o Tibre transbordara e, depois, algumas legiões doentes regressaram da Germânia. Só os deuses saberiam que pestilência tinham trazido com eles, mas, semanas depois, o lixo nauseabundo que normalmente percorria as ruas empedradas de Roma tinha-se tornado ainda mais peçonhento e malcheiroso. Era possível sentir o cheiro a doença acre enquanto descia pelas ruas em pequenos regatos de água castanha.

A doença apareceu inicialmente, como era habitual com as doenças, no bairro romano pobre e atormentado por bandos de malfeitores de Subura, um bairro de classe baixa tanto a nível social como topográfico. Os detritos das elevações superiores e dos bairros de classe alta escorriam pelas encostas abaixo e aglomeravam-se e estagnavam nas suas ruas e esgotos entupidos. Era outro motivo para os romanos mais ricos e com maiores recursos

viverem nas colinas mais altas da cidade, chegando mesmo a construir uma muralha entre Subura e o resto de Roma. Longe da vista, longe do coração.

Porém, Subura desempenhava o seu papel em Roma e também tinha voz no Senado, mesmo que nem sempre fosse ouvida. Durante os meses de inverno e primavera, o Senado fora assolado com exigências furiosas dos residentes de Subura (tanto sapateiros romanos como lojistas judeus) para fazerem alguma coisa acerca da epidemia cada vez mais grave, mas não se fez nada.

Quando os meses de primavera chegaram ao fim e o calor chegou, as coisas começaram a afetar mais de perto as classes superiores. A prostituta mantida pelo Senador Caio Júlio Silano adoecera e morrerá. Uma semana mais tarde, o próprio senador recuperou à justa. Mas foi na semana a seguir a essa que as coisas começaram realmente a mudar. A esposa de Silano sucumbiu inesperadamente à praga que lhe fora transmitida indiretamente pela pega do marido.

Quando notícias dessa ofensa específica chegaram às festas de jardim e aos triclinios rodeados por frescos das matronas ricas de Roma, as esposas ultrajadas dos senadores fizeram o seu ultimato coletivo aos maridos: terminariam as visitas aos bordéis de Subura até a doença estar controlada.

O Senado ordenou imediatamente a colocação de mais fontes de água potável no distrito e a construção de vários balneários. Equipas sanitárias tiveram a tarefa desagradável de limpar as ruas, de desentupir os esgotos e de retirar os mortos das *insulae* apinhadas e das vielas traseiras.

Mas era pouco demais, tarde demais. Tal como a doença subira a encosta até Subura, continuou a alastrar-se para cima na sola de sandálias e nas rodas de carroças até chegar aos montes Quirinal, Capitolino e Palatino, alastrando-se mesmo até ao lar do próprio César Augusto.

As imagens, sons e cheiros da doença tinham sido evidentes para Pompónia a quilómetros da Muralha Serviana, e as coisas só pioraram depois de ela e Quintina passarem os portões de Roma propriamente dita. Para trás ficavam as brisas frescas e orvalhadas da sua vila na sedentária Tivoli com as suas árvores verdejantes, substituídas pelo bulício sujo e pelo calor seco e opressivo do Fórum Romano movimentado.

Mesmo assim, enquanto Pompónia dava alguns passos rápidos sobre o empedrado da Via Sacra (tinha sido varrido até um brilho higiénico pelos escravos do templo) para passar as portas da Casa das Vestais, percebeu que regressara ao seu verdadeiro lar. Já ali não estavam Medousa, Fabiana e

o pequeno cão, *Perseu*. Já ali não estava Quinto. Porém, as cinzas de todos eles tinham sido depositadas ali, entre o mármore de Roma. Nem os campos verdes de Tivoli conseguiam competir com isso.

Enquanto ela e Quintina avançavam através do vestíbulo para entrar no átrio, Pompónia ouviu vozes familiares que se aproximavam. Túcia e Lucrecia, suas irmãs Vestais. Sorriam e estenderam-lhe os braços.

— Pompónia, bem-vinda a casa — disse Túcia. Abraçou a chefe Vestal e Quintina e, a seguir, afastou-se para deixar Lucrecia fazer o mesmo.

Pompónia estudou Túcia. Os meses anteriores tinham deixado uma marca na sacerdotisa habitualmente despreocupada e de juventude aparentemente eterna. A sua pele continuava clara e lisa, os seus olhos cor de âmbar continuavam luminosos, mas parecia cansada.

— Lamento teres ficado tão sobrecarregada — disse Pompónia. — Não tem sido justo. Devia ter regressado mais cedo.

— Tolice — disse Túcia. — Conseguiste fazer mais a partir de Tivoli do que eu aqui em Roma. Seja como for, César insistiu que ficasses em Tivoli, longe do contágio.

— Agora que a sua vida está por um fio, parece ter mudado de política — respondeu Pompónia.

— Pensa que a tua presença em Roma o salvará. — Túcia sorriu e Pompónia viu um lampejo tranquilizador do seu habitual ânimo. — Pensa que jantará com a própria Vesta e que pedirás à deusa que lhe poupe a vida enquanto partilham uma sobremesa.

— Gostava que fosse assim, Túcia. — Enquanto começavam a embrenhar-se mais na casa, Pompónia olhou para Túcia com maior seriedade. — Diz-me, alterou o seu testamento?

— Não. Agripa continua como seu herdeiro.

Pompónia acenou com a cabeça, satisfeita por um momento.

— Então, se as Parcas decidiram que deve morrer, rezemos para que aconteça antes que a influência de Livia se faça sentir. Podemos ter uma praga pior com que lidar se o seu filho se tornar imperador.

\* \* \*

APESAR DE O REGRESSO DA EXPERIENTE VESTAL MÁXIMA A ROMA DE Tivoli ser suficiente para motivar uma celebração, o máximo que Pompónia permitiria nas circunstâncias era um aviso banal pregado à porta do Senado e que foi rapidamente coberto por outros avisos banais sobre a qualidade

da água, as eleições vindouras, festivais cancelados e corridas de carruagens adiadas. Por aqueles dias, Roma era toda seriedade e nenhum prazer.

No entanto, porque muitos romanos não sabiam ler e porque a maioria dos estrangeiros, pelo menos, não sabia ler latim, o pregoeiro tinha também espalhado a notícia da sua plataforma de orador em frente do Rostro.

— Por ordem do Senado e de César — começou, lendo de um longo rolo de papiro —, a nossa abençoada Vestal Máxima regressou a Roma. Dirigirá oferendas especiais a Mãe Vesta no templo, hoje, para rezar pela saúde do imperador. Também por ordem do Senado e de César, novas estátuas dos *Dii Consentes*, os doze deuses sagrados, serão erigidas perto do Templo de Saturno — apontou o enorme templo atrás dele — para que todos os cidadãos possam suplicar aos deuses pela saúde de Roma. — Enrolou o papiro. — O tesouro recorda a todos os cidadãos que deixem moeda. — Passou o rolo ao seu assistente, que o passou a outro, mais baixo. — Por fim, foram lidos augúrios e o calor continuará durante pelo menos mais duas semanas. — A multidão que se tinha reunido à volta dele murmurou e abanou as cabeças em frustração. Julho era sempre quente, mas, naquele ano, era-o de modo invulgar e inclemente. E mais calor significava mais doença. O pregoeiro continuou: — Qualquer liberto ou escravo encontrado a poluir o sistema de águas público ou a sujar as ruas será crucificado. Os cidadãos serão multados e vergastados.

Desceu lentamente da sua plataforma, limpou o suor do pescoço com a toga e, como era habitual, partiu para a Basílica Emília e para uma taça de vinho.

— Roma é a *Caput Mundi* — disse ao seu assistente —, a cabeça do mundo. Apesar disso, ainda temos de recordar às pessoas que caguem na latrina. — Enquanto se aproximava da basílica, ouviu um crescendo de vozes e atividade vindo da direção do Templo de Vesta. *Primeira notícia, refletiu, o regresso da Vestal Máxima.*

Pompónia empurrou as portas de bronze esculpido do Templo de Vesta redondo e semicerrrou os olhos para o sol quente. Ela e cinco outras sacerdotisas (Túcia, Lucrecia, Cecília, Sabina e Quintina) vestiam as suas estolas brancas, com faixas de lã vermelha na cabeça e véus cerimoniais brancos. Pompónia insistira que uma aparição formal era necessária durante a oferenda especial do dia ao fogo sagrado. Mas, para si mesma, amaldiçoava a sua decisão. Como se não estivesse quente que chegasse no exterior, o fogo eterno de Vesta fazia o recinto sagrado do templo de mármore parecer o

interior de um forno de tijolo. As camadas adicionais e o peso da indumentária religiosa das Vestais não ajudavam.

Saindo para a luz intensa do sol, Pompónia baixou o olhar para as faces dos seus dois guardas, Cesó e Públio, e também para as faces menos familiares de soldados adicionais. Desde o início da epidemia, os guardas do templo tinham sido duplicados para manter as Virgens Vestais longe do alcance do público. Intocáveis mesmo em tempos de paz e saúde, era especialmente importante durante momentos de conflito e contágio que as protetoras da chama eterna fossem também protegidas. Ver os soldados de armadura completa, elmos com penacho vermelho e capas escarlate, sempre com os dedos perto do punho de uma adaga, dizia «Para trás» melhor do que qualquer decreto público.

Enquanto os seus olhos se ajustavam à luz intensa, Pompónia viu a Vestal Nona, mais velha, a trabalhar com as mais recentes Vestais romanas, Marcela e Lucasta, e também com algumas noviças numa das taças de fogo ao longo do empedrado perto do espaço sagrado de Vesta. Abençoavam cestos com hóstias sagradas e distribuíam-nas a um grupo bem controlado de gente na rua, gente que, mais tarde, as esmigalharia nas lareiras de casa como oferendas salgadas à flamejante Vesta.

Como os soldados, a multidão olhava com reverência para as Vestais. Eram uma visão poderosa e davam uma sensação de conforto, constância e esperança, especialmente depois de a Suma Sacerdotisa Pompónia ter regressado. Em vez de se manter longe do perigo, regressara ao seu centro para estar com eles e rezar por César. Seguramente, conseguiria garantir a proteção de Roma pela grande deusa. Seguramente, a pureza das sacerdotisas conseguiria lavar a mácula da doença.

Túcia debruçou-se para Pompónia.

— Da última vez que vi o povo tão desesperado por bênçãos, António e Cleópatra tinham travado os carregamentos de cereal para Roma.

— Sobrevivemos a isso e também sobreviveremos a isto, irmã. — Pompónia não partilhava a suspeição dela de que tinha sido César quem privara os estômagos romanos da maior parte dos cereais, afundando incontáveis carregamentos no ar, para justificar a guerra contra o Egito e para se libertar de António. Na sua experiência, os Césares preferiam governar sozinhos. Virou-se para falar sobre o ombro a Lucrécia e Cecília, as duas sacerdotisas que estavam de plantão e que, portanto, tinham de permanecer no templo para se ocuparem do fogo sagrado. — Enviarei uma das noviças com túnicas limpas e água — disse ela.

As outras quatro Vestais desceram os degraus do templo e, a seguir, passaram o p3rtico da Casa das Vestais. Dentro do 3trio, as suas escravas retiraram-lhes os v3us e as faixas da cabe3a, despindo-as at3 3s t3nicas simples que vestiam por baixo das estolas para que pudessem refrescar-se rapidamente. Sabina dirigiu-se para o seu gabinete no primeiro piso, enquanto Pomp3nia, T3cia e Quintina ficavam para tr3s.

— Vem mais 3gua a caminho de Tivoli — disse Pomp3nia. — Us3-la-emos para beber e tomar banho... Todas n3s: sacerdotisas, novi3as e at3 as escravas, at3 os aquedutos e as fontes e as nascentes passarem nas suas 3ltimas inspe33es.

T3cia acenou com a cabe3a.

— Alguma not3cia de C3sar?

— Consultei Agripa esta manh3, bem cedo. Ficou na rua e falou-me atrav3s da janela do meu gabinete. — Esbo3ou um sorriso seco. — Como um pretendente proibido. Diz que o estado de C3sar n3o se alterou. Tamb3m trouxe not3cias melhores. Disse que est3 quase completa a constru33o do aqueduto *Aqua Virgo*, gra3as a um engenheiro civil chamado Vit3rvio.

— Ouvei falar dele — disse Quintina — ao meu tutor. Est3 a ficar famoso. Estuda as propor33es do corpo humano e aplica-as 3 arquitetura.

— Bom, teremos muito mais corpos para estudar se a 3gua n3o for limpa. Mas dizem-me que a nascente de *Aqua Virgo* 3 t3o pura como a deusa.

— Rezaremos a Neptuno para que assim permane3a — disse T3cia.

— Ah, acerca disso — disse Pomp3nia. — C3sar cancelou a maior parte dos festivais p3blicos por conselho do seu f3sico. Musa diz que ajuntamentos de massas espalham a doen3a. Mesmo assim, L3pido e eu pedimos a Agripa que autorizasse um sacrif3cio para a Neptun3lia este m3s e ele aceitou. Agora n3o 3 o momento para enfurecer o deus da 3gua.

Quintina eri3ou-se.

— Ser3 no templo?

— N3o, o velho templo ainda est3 a ser restaurado. 3 uma confus3o. E o F3rum Augusto n3o est3 pronto. Agripa diz-me que o cont3gio se alastrou entre os escravos construtores. Trazem mais da G3lia e de 3frica. Por agora, usaremos a bas3lica que Agripa dedicou a Neptuno depois de 3ccio. 3 um pouco invulgar, mas o altar foi consagrado, pelo menos o p3blico saber3 que foi feito um sacrif3cio.

Quintina acenou com a cabe3a.

— Compreendo.

— T3cia — disse Pomp3nia. — Preciso da tua ajuda para ajudar Nona

a administrar os moinhos. Precisamos de aumentar a produção de *mola salsa* e hóstias sagradas para satisfazer a procura. Já dispensámos vinte por cento mais do que no ano passado, por esta altura. Se César sobreviver, precisaremos de mais ainda nas provisões para sacrifícios de ação de graças aos deuses.

— E, se morrer, precisaremos de mais ainda para a coroação de Agripa — acrescentou Quintina.

Pompónia franziu a testa.

— Não provoques os deuses.

— Agripa é nosso amigo — disse Quintina. — Não seria assim tão mau.

— Oh, agora consegues prever o futuro, Quintina? Deveríamos enviar-te imediatamente para o Oráculo de Delfos. Desperdiçaste a tua vocação como vidente.

Túcia despediu-se de Pompónia com um piscar de olho e partiu para se ocupar dos seus deveres. Era melhor deixar a chefe das Vestais repreender as jovens da ordem e as sacerdotisas mais teimosas em privado. Mesmo enquanto partia, conseguia ouvir o desafio na voz de Quintina.

— Tu própria o disseste, Pompónia. As coisas não ficariam piores sob Agripa.

— Não disse nada que se pareça, Quintina. Ouves o que queres ouvir. — O seu maxilar ficou tenso. *Tal como o teu pai.* — Disse que Agripa era preferível a Tibério...

— É quase o mesmo.

— ... mas César é preferível a ambos. Há muito tempo que é amigo da nossa ordem. As suas políticas são previsíveis, tal como o seu caráter. *Tal statu quo é preferível à mudança.*

— Nem todos temem a mudança, Pompónia. — Quintina ergueu as sobranceiras. — Sabes isso, não?

— *Via trita, via tuta* — respondeu Pompónia. O caminho percorrido é o caminho seguro. — Vai arrefecer no frigidário. Terás o teu turno no templo em breve.

A sacerdotisa mais jovem beijou Pompónia na face e a chefe das Vestais sorriu. Quintina fora uma criança afável e uma noviça brilhante. Porém, como Vestal de pleno direito com mais de vinte anos, parecia-se mais com Quinto a cada dia que passava. Contrária como Dis num momento, doce como um figo com mel no seguinte. Talvez isso fosse inevitável.

— Vens comigo? — perguntou-lhe Quintina.



— Não, tenho demasiado trabalho para fazer. Tenho de ir para o meu gabinete. Vejo-te ao jantar.

— Está bem. — A Vestal mais jovem deu meia-volta e dirigiu-se para o rico balneário interior da Casa das Vestais, que a Imperatriz Lúvia tinha recentemente tornado ainda mais luxuoso com o seu patrocínio. Por vezes, parecia que a mulher do imperador competia com o marido para ver quem conseguia expandir e embelezar mais o lar das Vestais.

Quintina afrouxou as correias das sandálias e descalçou-as sem parar antes de despir a túnica com esforço, deixando cair cada item no piso de mármore enquanto andava. A sua escrava pessoal, que raramente estava mais de alguns passos atrás, apanhou em silêncio cada peça de roupa, deixando a sua senhora entrar no balneário vestida apenas com uma camisa fina.

Passou à humidade fragrante do apoditério, a sala de despir, e tirou a camisa suada. Caiu ao chão.

Caminhou nua pelo calor das salas do caldário e do tepidário (a última coisa de que precisava era de um banho quente) e dirigiu-se diretamente para as águas frias do frigidário.

Enquanto entrava na sala com teto baixo em cúpula onde se situava o banho de água fria, Quintina sentiu uma frescura abençoada na pele nua. *Que alívio!* Mergulhou um dedo do pé no tanque retangular e entrou na água turquesa até lhe chegar à cintura.

Escapou-lhe de entre os lábios um gemido baixo. Aquele som, o som da água a chocar gentilmente contra os lados do tanque, ecoou de paredes de azul-marinho cobertas com mosaicos ricamente detalhados de peixes, cavalos-marinhos e conchas.

Sentindo a respiração acelerar com a frieza, Quintina ergueu os braços para desfazer as tranças. O seu cabelo preto longo caiu-lhe sobre os ombros em caracóis. Inspirou fundo e baixou-se mais dentro da água até os seus seios, primeiro, e depois a cabeça se submergirem.

Momentos depois, o frio foi demais e voltou a erguer-se totalmente, saindo da água para se sentar nua na beira do tanque. Pendurou os pés na água.

Adorava estar assim sozinha nos banhos. E, onde quer que estivesse, os seus pensamentos viajavam sempre até ele. Até Sétimo.

Regressara a Roma meses antes, depois de o seu pai, um antigo comandante da Décima Quinta Legião de César, ter sucumbido ao contágio. No entanto, apesar de ter assegurado a Quintina que só passaria uma ou duas semanas fora para o funeral, não regressou a Tivoli.

Quintina perguntou-se que desculpa podia usar para voltar a vê-lo ou para o convocar até ela. Mas uma desculpa não era necessária naquele momento. Pompônia proporcionara-lhe inadvertidamente uma oportunidade para voltar a ver Sétimo. A Neptunália. Como membro do Clero, esperar-se-ia que Sétimo participasse no sacrifício. Era o seu dever. O *statu quo* era útil para algumas coisas.

Quintina reclinou-se, apoiada nos braços. Ela e Sétimo tinham caminhado juntos muitas vezes pelo caminho coberto de erva atrás do Templo de Vesta em Tivoli. A princípio, irritou-a, mas em breve deu consigo a esperá-lo junto aos ciprestes altos no jardim.

Porém, parecia-lhe que, quanto mais esperava, menos ele vinha.

A sua pulsação acelerou com raiva ao recordar a sua última conversa. Foi na véspera da viagem dele a Roma. Tinha chorado a perda do pai, mas, quando Quintina lhe pôs a mão na coxa, afastou-a.

*O risco é demasiado grande, Quintina.*

Quintina conseguia ver a cara dele tão claramente como Narciso tinha visto o seu reflexo na água. Olhos escuros, quase tão escuros como o seu cabelo preto, e lábios cheios que se abriam quando sorria para expor um canino irregular. Recordava o dia em que acontecera. Estavam de pé no limiar da cascata quando um escravo lhes trouxe comida e bebida. Sétimo pegou numa grande azeitona e mordeu o caroço. Cuspiu (o caroço e o fragmento de dente) como se não lhe importasse minimamente, como se soubesse que ela o acharia atraente mesmo que todos os seus dentes caíssem.

Quintina suspirou e inclinou-se mais para trás até quase ficar deitada no piso frio de mosaicos, com os braços de cada lado do corpo e os pés ainda pendurados na água fria.

Portanto, ele achava que ela não justificava o risco? O afeto dele seria assim tão fraco, tão covarde? Quintina assegurara-lhe que havia pouco a temer. Tivoli não era como Roma. Corriam rumores abafados de que Vestais do passado tinham tido amantes, mas as pessoas limitaram-se a fazer vista grossa. A vida era boa em Tivoli. A deusa era boa.

E, fosse como fosse, Pompônia tinha acesso direto a César. Mesmo que uma acusação de *incestum* fosse feita, Pompônia poderia protegê-los. Protegera Túcia anos antes. Quintina não sabia ao certo como, mas sabia que sim. Aquela história da peneira? Talvez as pessoas tivessem acreditado, mas Quintina estava lá. Vira Pompônia. A Vestal Máxima preparara alguma.

Os seus olhos escuros semicerraram-se. Havia tanto que não sabia

sobre Pompónia, especialmente sobre a relação de Pompónia com o seu pai, Quinto. Mas, mais uma vez, tinha suspeitas. Amantes? Talvez não. Mas certamente *apaixonados*. Recordava bem a forma como o seu pai costumava olhar para Pompónia quando esta vinha aos estábulos para ver Quintina, então apenas uma jovem noviça, aprender a montar. Nunca olhava para a sua mãe, Valéria, daquela forma. Mas quem poderia censurá-lo? A mulher era louca.

Continuando deitada de costas, Quintina limpou água dos olhos e voltou a colocar os braços ao longo do corpo. Se Pompónia tivesse conhecido o amor, porque continuava a defender o *statu quo*? Porque recusava desafiar o voto de castidade de trinta anos que cada sacerdotisa de Vesta precisava de fazer? Sempre que Quintina o referia, Pompónia negava importância àquilo sem sequer a ouvir.

No entanto, como Vestal Máxima respeitada, Pompónia tinha o estatuto e a reputação para desencadear uma mudança na ordem. As pessoas amavam-na. O Senado e os colégios religiosos ouviam-na. César respeitava-a e chegava a consultá-la, por vezes. O general Agripa também o fazia.

Roma mudara muito nos anos anteriores. A República caíra e nascera o Império Romano. E, se a Cidade Eterna conseguia adaptar-se a mudanças daquele nível, certamente o fogo eterno também conseguiria.

\* \* \*

— UMA MENSAGEM DA CASA DE CÉSAR, *DOMINA*. — A ESCRAVA DO TEMPLO curvou-se enquanto entrava no gabinete de Pompónia.

A Vestal Máxima sentava-se à sua grande secretária, com rolos de papiro e tábuas de cera espalhados sobre a superfície. Nas paredes azuis à sua volta, deuses e deusas pintados com cores garridas supervisionavam o seu trabalho. Ergueu os olhos do documento que lia e estendeu uma mão para rolo.

— Nem uma palavra sobre isto a ninguém — disse ela.

A escrava recuou para fora do gabinete de modo deferencial enquanto Pompónia desenrolava a mensagem. Tinha sido escrita pela mão de Déspina, a escrava veterana de César.

*Suma Sacerdotisa Pompónia,*

*Musa cuida bem de César e a condição do imperador permanece inalterada. Consultou vários físicos gregos e romanos e todos*

*concordam que deixar a febre seguir o seu rumo, mesmo até ao ponto dos espasmos, é o mais sensato. Ouvi-os esta manhã a compararem relatos de casos e parecem confiantes na sua abordagem. Quando César está lúcido, dão-lhe doses pequenas de ópio. Musa disse que uma ausência de dor e sensações de prazer são essenciais para combater a doença.*

*A imperatriz está frequentemente junto ao leito do seu marido e mostra-se protetora dele. Lamento dizer-te que a irmã de César, Otávia, sucumbiu ao contágio ontem, como tu e eu tememos que pudesse acontecer. A Senhora Lúvia proibiu um anúncio público para que César não saiba. Teme que o choque o faça cair em desespero. Ameaçou matar qualquer escravo que fale do assunto.*

*Também ontem, a Senhora Lúvia matou outra escrava doméstica que César engravidara. O seu sangue continua a vir-lhe todos os meses. Ainda consulta vários físicos, astrólogos e sacerdotes, mas tem sido incapaz de conceber.*

*Tibério continua a transmitir mensagens e notícias do Senado entre o general Agripa e César e, pelo que ouvi, faculta toda a informação de forma rigorosa e sem parcialidade. César continua a recusar-se a ver Agripa por medo de lhe passar o contágio.*

*Lamento não poder ter-te informado ontem da morte de Otávia, mas sabia que partias de Tivoli e não quis arriscar que mais alguém no templo recebesse a minha carta na tua ausência.*

*Também lamento não poder receber-te no regresso a Roma com melhores notícias. Ficámos todos entristecidos pela morte da Senhora Otávia. Era uma irmã extremosa de César e uma senhora bondosa para nós, e sei que era uma boa amiga tua.*

*Louvo a deusa pelo teu regresso em segurança e com saúde continuada. Receberás as minhas cartas diariamente e usarei os mesmos mensageiros de sempre. Como sabes, são meus parentes e merecem confiança.*

### *Déspina*

Pompónia voltou a enrolar a mensagem com aprumo. Mergulhou a ponta do papiro na chama da vela de cera de abelha sobre a sua secretária e segurou-o enquanto ardia, olhando tristemente para a chama laranja e dizendo uma oração silenciosa pela sua amiga Otávia.

A calorosa, encantadora e explorada Otávia.

Deixou as cinzas caírem numa taça de prata polida sobre a sua secretária e viu nela o seu reflexo. Mesmo aos quarenta anos, a sua face continuava suave e redonda, ainda jovem, e o seu cabelo mantinha-se de um castanho rico. No entanto, pela primeira vez, reparou em fios brancos sobre as têmporas.

*Não estou em Roma há um dia inteiro, pensou, e já envelheci anos.*